

detalhe duma novela

dois dias depois, D. Aurélia, metendo na poeira as botas de botões e levantando pudibundante a saia, lá se foi, estrada fora, a caminho da Amieira-a-velha quinta fidalga onde Maria Gabriela pasava os seus dois meses de férias risonhamente com a tia e as primas.

E meditava na maneira, mais subtil, mais fina, de dar o seu recado; o recado que lhe encomendara D. Custódia, porque, enfim, D. Custódia era uma amizade que valia a pena favorecer e cultivar. Pensava, já, em assegurar o seu futuro que ela agora parecia entrever mais claro, com uma velhice pachorrenta e tranqüila.

E, enquanto andava, ia-se entregando a compor os seus projectos: — Maria Tereza e Maria do Rosário casavam com certeza; para isso havia ela de empregar o melhor do seu esforço, e D. Custódia, viuva e só, sendo sua amiga, como era, de certo a tomaria para casa, como dama de companhia.

Para ela que, desde que a madrinha morrera, tinha vivido sempre na dependência de todos, sendo recebida quasi por caridade, esta ideia parecia-lhe um paraíso. Sentia-se já instalada cómodamente, sem cancelas; não precisaria de tornar-se útil, de sabujar a todos os que a recebiam, que lhe davam de jantar.

Ah! Então essas que a olhavam agora de resto, que a cumprimentavam em último lugar, veriam quem era a *menina* Aurélia, como diziam irónicos.

Então veriam! E ela que lhe sabia dos pôdres! Recordava histórias que até então, por conveniência guardara secretamente:

— O namôro da gôrda D. Ambrósia do notário com o caixeiro viajante a quem o bruto do marido dava palmadinhas nas costas e oferecia jantares. Enfim, histórias que ela sabia de muita carta que tinha levado. Inda se havia de rir! Inda se havia de rir!...

Depois, recordava o seu passado, desde o dia em que os pais, que eram hortelões na Venda, a foram levar à Senhora D. Justina para a acompanhar e servir.

Enquanto ela fôra viva, caminhara sempre num caminho que lhe parecera florido, acompanhando-a a

toda a parte; a festas onde se comia tão bem! — aquelas festas que dava em tempos o bêbedo do António Augusto a quem ela agora nem falava por vergonha. Lembrava-se ainda do primeiro chapéu que lhe dera a senhora, para quando saísse com ela; um chapéu muito *chiquesinho*, todo roxo, com dois gira-sois de cera. E o seu namôro com o José da Loja a quem chamavam o Grelado por que tinha muitos sinais na cara.

Podia ter casado e estar bem se não fôsse a rigidez da senhora; — talvez julgasse que ela havia de ficar para freira!

Mas, e suspirava aliviada, ia, enfim, viver em socêgo... e já não era sem tempo. Tinha sempre vivido à espera de coisas que não chegavam. Ainda havia pouco tivera um grande desgosto: fôra o Bernardino farmaceutico, de quem a vizinha Matilde lhe tinha dito que a adorava, quando a vira cair do burro no pic-nic, a rir como um perdido, de mãos nos bolsos, pernas abertas, com a barriga às upas. Percebera então que não lhe queria; rir-se assim por ela ter ficado com as pernas e a saia branca ao léu, era mesmo dum malvado!... Mas agora, agora ia enfim não precisar de ninguém e haviam de ver! Haviam de ver!

Aquela ideia do Bernardino, levantou-lhe uma raiva, uma revolta surda contra Maria Gabriela que andava sempre a falar-lhe nele, com uns arzinhos de troça. Aquela também lhe havia de pagar!... E mais depressa do que julgara!...

Neste meditar, retardara o passo e, quando deu por si, ia ainda a passar à capelinha do Senhor do Bonfim.

A tarde começava a cair lenta e mansa, e junto da ermida, na sombra diluida do arvoredor, havia uma tranqüilidade suave de reza. Abaixo, um regatinho cantante corria entre os juncos altos de um canalial murmuroso.

Mas, D. Aurélia não reparou no recolhimento doce do sitio. Só se lembrou que era um lugar escuso, que ia sósinha e podia haver um malvado com a lembrança de lhe roubar o bracelete ou o cordão com as medalhas dos santinhos.

Encomendou-se ao Senhor do Bonfim e estugou o

passo, espevitada e leve. Mas, mal passara o pontão de pedras rudes, sobre o regato, uma restolheira, nos juncos, fê-la parar lívida, a tremer. Esperou, e viu sair, de entre a verdura, um porco que foi roncando pachorrentamente a chafurdar no ribeiro.

Ficou furiosa D. Aurélia: — Nem de propósito!... Mas o que valia é que da curva da caminho velho, adiante, já se avistavam, entre o verde fulvo dos souts, os telhados musgosos e a grande chaminé patriarcal da Amieira; e aquela casa, por onde tinham passado largas gerações fidalgas, com as suas varandas de alpendrada sobre o pátio e as janelas de varões, tinha, assim, vista na meia luz daquele fim de tarde sereno e doirado, um aspecto socegado, feliz e calmo de bem-estar.

Mesmo na volta, o Eduardo passou a cavalo, todo risonho, muito fresco, no seu fato de montar claro, de plastron branco. Cerimoniosamente, ao vê-la, levou a mão enluvada ao chapéu. D. Aurélia sorriu, lisongeada, por aquele cumprimento que lhe parecia vir de muito alto, de alguém que, para ela, pelo seu dinheiro, estava assente sobre um trono seguro e imutável. E depois do Eduardo passar, ficou ainda, embasbacada, no meio do caminho, a considerar o passo cadenciado da água e toda aquela elegância do fato claro, das botas altas de polimento, dos arceios brilhantes e areiados. Teve, então, um vago arrependimento: — Ora ali ia ela, talvez, desfazer a satisfação e a alegria daquele rapaz tão rico e tão simpático, que a cumprimentara, que lhe dera importância.

Ja já com um certo pezar, meia resolvida a não fazer nada, a não dizer nada. Simplesmente, sondaria o terreno para dar informações a D. Custódia...

Mas, no caramanchão da Amieira, mesmo ao lado da azinhaga, ouviam-se gargalhadas frescas. D. Aurélia, pensando de si para si que o melro já lá estivera, foi-se, irresistivelmente, aproximando do muro para escutar. Como o muro era alto, ela apenas ouvia um murmúrio confuso de vozes, cortado, de vez em vez, por uma gargalhada clara. E o vago arrependimento que sentira, dissipou-se logo, ao ouvir Maria Gabriela com o mesmo riso leve e argentino que tinha quando lhe falava no Bernardino, nos amores de Bernardino farmacêutico.

Entrou. No vasto pátio não havia ninguém. Pai-rava, sobre as coisas, um silêncio que a atemorizou e todo aquele socêgo do velho casarão pareceu-lhe hostil e repreensivo.

Novamente, tornou a assaltá-la uma espécie de remorso, mas passou-lhe logo pelo espirito, a apagá-lo, toda a conversa, de dois dias antes, e via já o rosto rubicundo de D. Custódia a sorrir-lhe satisfeito, mais lúcido, de olhinhos ternos cheios de promessas.

De novo, tentadoramente, lhe veio à ideia o seu futuro, a imagem daquela sala onde estivera, com a sua quietude burguesa e bonecos de louça das Caldas sobre paninhos de *crochet*. Ali iria ela passar, pachorrentamente, os seus dias, perto da janela, olhando a rua e dando conta do namôro da criada da Senhora D. Juliana que morava na casa em frente.

Resoluta, cheia de ânimo, meteu pela rua de buxo. E, enquanto fazia estalar o saibro sob as suas botas de botões, ia assentando num plano. Falaria, em tom

de admiração do Eduardo, do seu dinheiro e logo após viriam as confidências, as suas informações particulares que ela havia de revestir de forma quasi elogiosa para ele; como excentricidades de milionário que só lhe ficavam bem e que daria como anedotas de bom-tom.

No fundo da sua alma velhaca, sorria satisfeita pela ideia. Mesmo assim, se os seus planos falhavam, ela ficaria isenta de responsabilidades. Tinha falado, apenas, com admiração, fôra simplesmente para mostrar como ele era colossalmente rico que contara aquilo. De resto, ela até apreciava um rapaz assim; despido de preconceitos, um rapaz que se divertisse...

E, já a ouvir as vozes de Maria Gabriela e das primas, recordou ainda as últimas indicações de D. Custódia: — Que não se esquecesse de meter outra mulher no caso, para vêr se a afastava... E o jôgo, o jogosinho!...

Sob o caramanchão, perto do tanque, onde as hortenses se debruçavam, Maria Gabriela e as duas primas trabalhavam, em macias cadeiras de lona. No chão, pousado perto, um cesto com costura e um livro.

Quando viram chegar D. Aurélia, tôda risonha, aos pulinhos mesureiros sobre as botas empoiradas, as bochechas vermelhas escorrendo suor, houve uma surpresa, ao mesmo tempo jovial e irônica: — Que fôsse muito bem vinda! Então o que a levava por ali? Que tinha feito bem em vir, devia trazer notícias frescas da vila de que andavam tão arre-dadas...

Ela sorriu, no primeiro impulso dos cumprimentos, vendo tudo preparar-se bem, desde que lhe perguntassem novidades. Depois, passada a primeira desordem, já mais calma a conversa, inventou um detalhe que lhe escapara e foi logo de explicar: — Tinha ido a casa das Vasconcelos, ali abaixo, combinar umas coisas por causa da ornamentação do altar da Senhora da Boa Morte que lhe tocara a ela nessa semana, e ao sair lembrara-se das suas queridas amiguinhas e resolvera ir fazer-lhes uma pequena visita, para conversar um pouco.

E tôda risonha, num gesto de sinceridade acrescentou:

— Por que isto de conversar, nem tôda a gente sabe. Por exemplo; na vila, não há com quem conversar de coisas interessantes. As senhoras, todas muito boas senhoras, muito caridosas, mas se não falarem nas criadas, que não se podem aturar, metem-se sempre na vida dos outros, a coscovilhar, que é uma coisa que não me agrada; por que traz mesmo, às vezes, grossas sensaborias. Eu cá é coisa de que não gosto; este *diçe tu, direi eu* das terras pequenas — crêdo! — em muita ocasião só traz desgostos.

Coisas particulares, só as digo a pessoas da minha confiança, da minha amisade.

No grupo, houve uma troca de sorrisos que brilharam, fugitivamente, de incredulidade e ironia. E, no silêncio leve que passou, ouviu-se cantar mais alto a água da bica, a cair no tanque ao lado. Pela encosta abaixo, na penumbra aveludada e verde dos souts, piavam monotonamente os *papa-figos* e na grande calma tépida do entardecer uma voz cantava, dolente, qualquer cantiga de amor.